

Uma cidade que pede mais cultura

Público brasileiro não decepciona e comparece aos eventos, colocando Brasília na agenda dos grandes espetáculos

BRUNO ARRUDA

O Brasília Music Festival pareceria um investimento inviável para a cidade há alguns anos. Aconteceu e o público compareceu. Como também compareceu em peso, no mesmo fim de semana, à Sala Martins Penna do Teatro Nacional para a peça *Zastrozzi*, dirigida por Selton Mello; à sala Villa Lobos para a peça *Capitanias Hereditárias*, com José Wilker e Ney Latorraca; ao Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) para o festival de animação *Animamundi* e a peça *Senhor das Flores*, além de vários outros espaços. Essa é a observação da divulgadora cultural Gioconda Caputo, há 22 anos envolvida com a cultura de Brasília.

– Nos últimos cinco anos, a cidade deu um salto cultural incrível. Já so-

mos quase uma metrópole! – avalia Gioconda.

Alguns números já demonstram esse salto. O CCBB, por exemplo, recebeu 126 mil pessoas no ano passado. Até setembro desse ano, 110 mil pessoas já haviam passado pelo Centro. O produtor James Fensterseifer, um dos coordenadores do *Jogo de Cena*, afirma que, de fato, já há bastante público para muita coisa em Brasília. Ele acredita que a tendência do mercado cultural é, como em todo tipo de mercado, se adaptar cada vez mais à demanda.

– Com salas cada vez mais frequentemente lotadas, a oferta aumenta também na cidade. Antigamente, o grupo teatral Melhores do Mundo, por exemplo, se apresentava uma vez por semana, agora, já se arriscam a fazer até quatro apresentações.



Monique Renne

BMF Público do Brasília Music Festival correspondeu às expectativas

Fensterseifer acredita que há bastantes lugares em Brasília em que a cultura tem encontrado espaço. E que as grandes estréias continuam sendo as mais disputadas.

– O teatro, como entretenimento, é produto como outro qualquer. Quando a Calvin Klein lança perfume novo,

há correria para experimentar, assim como quando companhias reconhecidas fazem uma estréia – explica o produtor.

Gioconda é capaz de enumerar alguns marcos importantes da explosão cultural em Brasília. A instalação do CCBB, em 2001, a inauguração das galerias no Venâncio 2000, o Cinema da Academia e a reinauguração do Conjunto Cultural da caixa há 2 anos, cita. Todas elas com menos de cinco anos. Esses espaços, segundo Gioconda, permitiram que a cidade construísse um programação regular e em constante renovação.

– Antes, todo mundo dependia de espaços públicos da Secretaria de Cultura. A burocracia impedia até o acesso de artistas locais aos espaços – lembra a divulgadora.

A principal maneira de descobrir o que acontece na cidade continua sendo as mídias tradicionais: televisão e jornais. Pesquisado CCBB revela, por exemplo, que 70% das pessoas haviam conhecido o evento por essa via. Novos meios vêm surgindo: o CCBB, por exemplo, já cadastrou 9 mil pessoas que recebem voluntariamente uma mala-direta com a programação da semana. O crescimento vai requerer mais infra-estrutura. De acordo com Gioconda, os espaços existentes já têm qualidade, mas em breve novos lugares se farão necessários. "O fechamento desse ciclo seria a conclusão do projeto cultural na Esplanada dos Ministérios com cinema, outro teatro e biblioteca", avalia.

bruno.arruda@jb.com.br

TEATRO As artes cênicas também são muito prestigiadas

Fernando Bizerra/BGPress

